

Uma viagem à Índia: abrir caminhos e construir pontes na joalheria contemporânea

A JOURNEY TO INDIA: FORGING PATHS AND BUILDING BRIDGES
IN CONTEMPORARY JEWELLERY

A PRATA TEVE SEMPRE um valor simbólico para muitas culturas. A Índia não é uma exceção, antes pelo contrário: qualquer joalheiro ou ourives trabalha ainda muito artesanalmente, com técnicas e processos rudimentares, no fabrico da maior parte dos trabalhos que tenham a prata como componente principal.

Mas não foram só as técnicas tradicionais, as formas de construção e a arte de trabalhar diversas matérias que me interessaram; foi sobretudo questionar a joalheria, compreender os elos de ligação cultural entre Ocidente e Oriente, ter acesso a outra experiência humana de ornamentação, contribuir para a compreensão do “outro”, relacionar os valores simbólicos e espirituais deste e do nosso património cultural, ampliando e comunicando a expressão pessoal da universalidade do corpo ornamentado.

A Índia, com o seu mosaico e fusão étnicos, com a presença do islão e o hinduísmo, oferece pontes de contacto com o legado muçulmano na Península Ibérica, legado este que me tem servido de inspiração.

SILVER HAS ALWAYS HAD a symbolic value for many cultures and India is no exception. On the contrary: jewellers or goldsmiths still craft their pieces by hand, using rudimentary techniques and processes to produce the majority of jewellery made primarily in silver.

However, it was not just the traditional techniques, the forms of construction and the art of working with diverse materials that interested me. I sought, above all, to comprehend Indian jewellery and understand the cultural links between East and West by accessing a different human experience of ornamentation, so as to contribute towards an understanding of the “Other” and to relate the symbolic and spiritual values of this heritage and our own cultural patrimony, thus expanding and communicating the personal expression of the universality of the ornamented body.

India, with its ethnic fusion and mosaic, a nation where Islam and Hinduism exist side by side, afforded points of contact with the Muslim legacy in the Iberian Peninsula, a heritage that has often served to inspire my works.

Handicraft techniques used to produce indian jewellery: the workshop

The workshop space is normally quite small but various craftsmen – known as *karagin* – work there. Generally, there are

> O trabalho artesanal de joalheria na Índia: o espaço oficial

O espaço oficial é normalmente exíguo mas aí trabalham diversos artífices, chamados *karagin*. Geralmente não existem cadeiras, pois o trabalho é realizado sentando-se o artesão no chão atapetado ou numa pequena almofada. Assim, as mesas são baixas, tendo o artífice perto de si as ferramentas básicas e as peças em construção.

Em todas as oficinas que visitei, o que observei foi que a produção de joalheria tradicional repete esquemas de trabalho muito semelhantes e que a tradição artesanal na Índia se mantém muito rudimentar e arcaica; mesmo assim, os recursos empregues na realização e montagem de peças de joalheria, os procedimentos de construção – que requerem determinados métodos de trabalho – e o uso de determinadas ferramentas são eficientes, tal é a capacidade técnica dos artesãos.

no chairs, since the artisans craft their pieces sitting on the floor, on a carpet or small cushion. Thus, the tables are low and the craftsmen keep their basic tools and pieces under production close to them.

In all the workshops that I visited I saw that the creation of traditional jewellery repeats very similar production schemes and that handicraft techniques in India continue to be very rudimentary and archaic. Nevertheless, the resources used to make and assemble pieces of jewellery, the crafting techniques – which entail certain work methods – and the use of specific tools are all quite efficient, such is the level of technical skill of these artisans.

This experience of being able to study and carry out research in workshops often seemed to be a return to the handicraft techniques of the Middle Ages, where diverse specialised craftsmen worked together in the same time and space, in a very creative and interdisciplinary process. Many skilled professionals specialising in this trade get little recognition, working in the shadows, without any perks or privileges.

Any understanding of these working methods is, in my view, inextricably intertwined with the characteristics of a society that is renowned for its communication, the value of exchanges and commercial relations and myriad beliefs and rituals.

Esta experiência de estudo e pesquisa em oficinas teve, muitas vezes, um quase retorno a uma Idade Média artesanal onde, num mesmo tempo e espaço, trabalhavam todas as especialidades, com uma grande criatividade e num processo interdisciplinar. Muitos profissionais deste ofício são pouco reconhecidos, trabalhando na sombra, sem quaisquer regalias ou privilégios.

A compreensão destes métodos de trabalho está muito ligada, a meu ver, às características de uma sociedade que vive da comunicação, do valor das trocas e das relações comerciais, das crenças e dos rituais.

As visitas às oficinas em Pune começaram umas semanas antes do festival anual do deus Ganesh – a divindade com cabeça de elefante, o Senhor que remove obstáculos, garantindo o êxito na vida pessoal e nos negócios –, que decorre no quarto dia (Chaturthi) do mês lunar de Bhadrapada (Agosto-Setembro).

Mesmo sendo vincadamente hindu, o festival anual de Ganesh funciona como união de várias fés. Regista-se a participação de muçulmanos e cristãos, seja na organização das actividades públicas, em bandas musicais, seja como voluntários nas pinturas das estátuas de Ganesh.

My visits to the workshops in Pune began a few weeks before the annual Ganesh Chaturthi festival dedicated to the elephant-headed deity Ganesh – renowned for removing obstacles and guaranteeing success in business dealings and personal matters – which is held on the fourth day (*chaturthi*) of the lunar month of Bhadrapada (August – September).

Even though it is undoubtedly a Hindu celebration, the annual Ganesh festival functions as a union of various faiths. It is possible to witness the participation of Muslims and Christians, both in terms of the organisation of public activities, as part of musical bands or volunteers painting the innumerable statues of Ganesh.

The bulk of the production of the Pune workshops – in the area of Moti Chowk – is derived from religious orders and these pieces are later used to adorn devotional statues – statuettes, panels, tiaras, necklaces, crowns, reliquaries, bracelets, rings – all crafted in silver or gold by local goldsmiths.

Another site where jewellery is crafted has developed around an upmarket neighbourhood called Koregaon Park, frequented by tourists.

The production of these workshops is mainly derived from orders placed by diverse handicraft stores in the area or directly by western clients, especially due to the existence of a spiritual commu-



Oficina na Rua Mahatma Gandhi, Pune. Workshop in Mahatma Gandhi Road, Pune.



Oficina em Pune, com laminador à entrada. Workshop in Pune, with a rolling machine at the entrance.



Oficina em Moti Chowk, Pune. Workshop in Moti Chowk, Pune.

Deus Ganesh ornamentado numa vitrina, Pune.

A decorated statue of the elephant headed god Ganesh in a shop window, Pune.

Construção de uma tiara para o Deus Ganesh, oficina em Moti Chouk.

Crafting a headdress for Ganesh, workshop in Moti Chowk.



Ornamento de cabeça (tiara) para o Deus Ganesh.

A headdress (tiara) for Ganesh.

A maior produção das oficinas em Pune – zona de Moti Chowk – resulta de encomendas de cariz religioso, para serem colocadas nas estátuas devocionais – estatuetas, painéis, tiaras, colares, coroas, relicários, braceletes, anéis –, a executar em prata ou ouro pelos ourives locais.

Outro local de produção de joalheria artesanal desenvolve-se em torno de um bairro turístico e caro, denominado Koregaon Park.



Oficina em Koregaon Park, Pune.
Workshop in Koregaon Park, Pune.

A produção destas oficinas resulta, na sua maioria, de encomendas feitas pelas diversas lojas de artesanato da zona ou directamente por clientes ocidentais, devido à existência de uma comunidade espiritual/Ashram nesse bairro, iniciada nos anos de 1970 por Bhagwan Rajneesh.

A diversidade de modelos é mais sentida na escolha das pedras que requerem determinadas energias para as práticas do ioga e, por isso, são executados sobretudo anéis, brincos, colares e pendants, onde quase não se verifica a marca da joalheria tradicional indiana.

> Visita a Miraj

A cinco horas de autocarro de Pune encontra-se Miraj, no interior do estado de Maharashtra.

A vida social de Miraj é regulada pela existência de um morabito/mausoléu de Pir Sayed Mira, místico muçulmano do século XV. O mausoléu é venerado tanto por hindus como por muçulmanos, que existem nesta cidade em percentagens semelhantes. Outro túmulo que atrai visitantes é o de Abdul Karim Khan, músico falecido em 1937.

Ambos são venerados, em particular durante o festival de música – *qawali* e clássica – que acontece

nity or *ashram* in this neighbourhood, founded in the 1970s by Bhagwan Rajneesh.

The diversity of models is even more visible in the choice of stones, which transmit certain energies for yogic practices and this has hence resulted in the production of rings, earrings, necklaces and pendants with few traces of traditional Indian jewellery.

Visit to Miraj

Miraj is located in the interior of the state of Maharashtra, some five hours away by bus from Pune.

Social life in Miraj is marked by the existence of the mausoleum of Pir Sayed Mira, a fifteenth century Muslim mystic. The mausoleum is venerated by Hindus and Muslims alike, both communities accounting for a similar percentage of the local population of this city.

Another tomb that attracts scores of visitors is that of Abdul Karim Khan, a musician who died in 1937.

Both tombs are especially venerated during the *qawali* and classical music festival that is held every year at the end of July. This event – known as the Dargah Urs – attracts hundreds of pilgrims and devotees to Miraj.

The mausoleum never closes and is a centre for prayers, prostrations and individual and collective rituals. Shoes are left at the door

and everyone walks barefoot on the marble and beaten earth that surrounds the central monument. Women prostrate themselves, marking their next step with a staff held in one hand; they sometimes walk like this from their houses, if they live nearby. Women are prohibited from entering the Muslim tomb and they instead pray outside or near the grilled side doors.

The mausoleum receives diverse offerings – flowers, incense, coconuts – and its roof and walls are painted with phrases from the Koran. Near the staircase that leads to the main entrance there is an enormous incense holder, which also greets pilgrims and believers, who draw the fumes towards them by raising their hands to their heads, as though being blessed by this act of purification. Coinciding with these activities, the music festival is held over the course of five long nights – extending from 22.00 to dawn – and entry is free. The first two nights are dedicated to Sufi devotional music, known as *qawali*.

Some devout members of the public appeared to be in ecstasy and inebriated with the moment. This is followed by three nights of classical music, a fusion between ancient Indian musical traditions and music brought by the Muslims when they established a presence in diverse kingdoms in North India from the twelfth century onwards. There are no chairs and the audience sits under lateral columns or on a large carpet spread out in the central courtyard of the building.

todos os anos em finais de Julho. Este evento, denominado Dargah Urs, traz a Miraj centenas de peregrinos e devotos.

O mausoléu nunca encerra e é o centro de orações, prostrações e rituais individuais e colectivos. O calçado fica no exterior e todos caminham no mármore e na terra batida que rodeia o monumento central. As mulheres assumem atitudes de prostração, marcando o próximo passo com um pau que possuem numa mão; por vezes vêm assim de casa, quando vivem perto. A entrada no mausoléu muçulmano está vedada às mulheres, e estas rezam no exterior, ou junto às portas gradeadas laterais.

O morabito recebe ofertas diversas – flores, incensos, cocos – e está pintado, nas paredes e tecto, com frases do Corão. Junto à escadaria que conduz à entrada principal, está um enorme incensário fumegante, que também recebe os peregrinos e crentes; os odores são rodeados pelas mãos, que se elevam à testa, como se o devoto fosse benzido neste acto de purificação. Coincidindo com estas actividades, desenrola-se o festival de música durante cinco longas noites – das 22h até ao nascer do dia –, com entrada livre. As duas noites iniciais são de música devocional sufi, denominada *qawali*.

This atmosphere is part of the regional and district identity of the local population, leading to ways of seeing and feeling that create unity in diversity.

These meetings reinforced the guidelines that my work has been following, affording me a greater openness to the imagery and symbolic mindset of sacred spaces.

Just like in medieval cities both in the East as well as the West, in some sites in India it is possible to find different streets dedicated to different crafts: this is also the case in Miraj, with the “Saraf Bazaar” – a street filled with manufacturers and vendors of jewellery, known as *saraf* – managed, as is so often the case, by family lineages.

I was able to visit the small workshop and store of P.B. Bhunke & Sons, where I was shown a range of necklaces, bracelets and earrings. It is important to note the necklaces that account for the greatest volume of sales, namely the *mangal sutra* (necklaces used only by married women and new brides), which are made in silver and then plated in gold. The distinction between Hindu and Muslim necklaces can be seen in the main medallion: a half-moon or crescent for Muslims and the figure of a goddess or sacred letter for Hindus.

The workshop of Mahesh Jagadish employs various young apprentices who dedicate their time exclusively to making threads, chains and pendants for *mangal sutras*. These ceremonial necklaces

are disseminated by means of illustrated colour catalogues. These are visual documents that serve as an inspiration and guide for the preparation of various pieces.

Alguns assistentes devotos parecem encontrar-se em êxtase e inebriados com o momento. Seguem-se três noites de música clássica; esta resulta da fusão entre a antiga tradição indiana e aquela trazida pelos muçulmanos ao estabelecer-se, a partir do século XII, em diferentes reinos no Norte da Índia. Não existem cadeiras, sentando-se a assistência sob as colunas laterais, ou no grande tapete do pátio central do edifício.

Tal envolvência faz parte da identidade regional e distrital da população, levando a modos de ver e de sentir que criam a unidade na diversidade.

Estes encontros reforçaram as linhas de orientação que o meu trabalho tem vindo a seguir, proporcionando-me uma maior abertura à visão imaginária e simbólica dos espaços sagrados.

Tal como nas cidades medievais, quer no Ocidente, quer no Oriente, nalgumas localidades da Índia encontramos determinados ofícios em ruas específicas; é o caso de Miraj, com o “Saraf Bazaar” – rua dos fabricantes e vendedores de joalharia, os *saraf* – gerido, como tantos outros, por linhagem familiar.

Conheci a pequena oficina e loja de P.B. Bhunke & Sons, onde me foi mostrada uma diversidade de colares, braceletes e brincos; destaco os colares mais vendidos, os *Mangal Sutra* (colares usados só por mulhe-

are disseminated by means of illustrated colour catalogues. These are visual documents that serve as an inspiration and guide for the preparation of various pieces.

Drawing closer to the “other” through Jewellery

Miraj also provides the context for the most recent pieces I produced in Portugal.

By resorting to the Iberian Muslim cultural heritage to develop my work I asked myself how oriental Muslim women would react to and show interest in my creations.

This encounter with the “Other” through jewellery occurred with a young Muslim woman, who had recently married a craftsman who built musical instruments. Her physiognomy – skin colour, the features of her face, hair etc. – dovetailed perfectly with my pieces. On such a spontaneous model, these pieces came to life and became even more brilliant.

Another experience occurred with the family of a hospitable and very charming Muslim builder, who volunteered to bring together his family for me (including sisters, aunts and cousins), thus enabling a close and interesting interaction for everyone.

I showed my pieces and used them to adorn the women. Initially there was a lot of shyness and reserve but it soon developed into a fascinating encounter.



Loja de P.B.Bhunke & Sons, Miraj.
The P. B. Bhunke & Sons store, Miraj.

Oficina de Mahesh Jagadish, Miraj.
Mahesh Jagadish's workshop in Miraj.

res casadas) , que são executados em prata e levam um banho de ouro. A distinção entre os colares hindus e muçulmanos faz-se pela medalha principal: meia-lua ou crescente para o mundo muçulmano, figura de deusa ou letra sagrada no hinduísmo.

Likewise in Pune, my interest in approaching the “Other” through jewellery / body ornaments resulted in an opportunity – through various contacts – to meet a girl who had been born in Iran, a student at the Deccan College. She immediately understood the ancient inspirations underlying my work, in the interconnection between the past and the present and the dissemination of peace and beauty through ornaments. This interaction with this girl from Iran epitomised the age-old meaning of unity, beauty and universality, a symbolic imagery that has been forgotten in the use of jewellery.

A visit to Kolhapur

Kolhapur is situated some 60 km away from Miraj. It is an erstwhile imperial city and, just like in Miraj, the urban organisation follows the canons of medieval cities, both Western and Eastern alike. It is possible to find a host of workshops running along the streets with their doors open to passers-by, generally built around a main temple. In the case of Kolhapur, the centre of Hindu social and religious life is the great Mahalaxmi temple, dedicated to the goddess Laxmi, the consort of Lord Vishnu. Built in the seventh century, the black stone structure is adorned with female figures dancing and playing musical instruments. It is possible to discern magnificent ornaments on their voluptuous bodies, especially around their necks, arms, wrists and

ankles. Most of the jewellery workshops and stores are concentrated on a long street very close to the temple.

A oficina de Mahesh Jagadish emprega vários jovens aprendizes que se dedicam em exclusivo à execução de fios, correntes e pendentos *Mangal Sutra*. Estes colares, denominados de cerimónia, são difundidos através de catálogos ilustrados e a

ankles. Most of the jewellery workshops and stores are concentrated on a long street very close to the temple.

Kolhapur is renowned for its traditional jewellery. One of the leading attractions of this city is the *saaz* necklace, also known as *Kolhapuri saaz*.

The store named H.F. Jewellers is situated in Kolhapur’s “Saraf Bazaar”. I had an appointment to meet Hemant Oswal, the owner of the store. I had to show him official documents guaranteeing that my presence there was exclusively to research and study jewellery. These documents proved decisive and Hemant Oswal, a devout Jain, spent some time showing me an enormous collection of moulds that he had gathered throughout India. He took out about one hundred moulds from a box, all of them with different symbols and meanings. These moulds, matrices or stamps were very old and are part of a diverse and enormous collection, which includes many classical pieces, figures of deities, auspicious symbols, flowers, animals and roses, amongst other motifs. Hemant Oswal explained to me the system and the basic principle of the large-scale production processes for jewellery in India.

H.F. Jewellers also sells pieces with contemporary lines, which continue to use classic techniques and elements but are nonetheless enriched by other aesthetics, without losing the heritage of their predecessors.

cores. São estes documentos visuais que servem de inspiração e de guia para a elaboração de muitas peças.

> Aproximação ao “outro” através da joalheria

Foi também em Miraj que se proporcionou contextualizar as últimas peças que realizei em Portugal.

Ao recorrer à herança cultural muçulmana ibérica para desenvolver o meu trabalho, questionei-me sobre qual seria o interesse e reacção de mulheres muçulmanas orientais face às minhas criações.

Esta aproximação ao “outro” através da joalheria aconteceu com uma jovem muçulmana, recém-casada com um construtor de instrumentos musicais. A sua fisionomia – cor de pele, recorte do rosto, cabelo, etc. – enquadrava-se na perfeição com as minhas peças. Face a tal modelo espontâneo, as peças ganharam vida e mais brilho.

Outra experiência ocorreu com a família de um outro construtor muçulmano, muito simpático e caloroso; ele dispôs-se a reunir a família (irmãs, tias e primas), o que resultou num convívio de proximidade e divertimento para todos.

Everyday work and religious practices

In India religion is inextricably intertwined with everyday life. In all the jewellery stores and workshops that I visited in Miraj, Kolhapur and Pune, the family lineage is almost always Hindu. The religion is visible in the figures of deities displayed in a corner of the store, which are the object of *pujas* (prayers where the images are worshipped) with incense and garlands of flowers. This *puja* is habitually offered twice or thrice

Fui mostrando e colocando as peças; ao princípio havia alguma timidez e reserva, mas depois tornou-se um encontro precioso.

Também em Pune, o interesse em criar uma aproximação ao “outro”, pela via da joalheria/ornamentação do corpo, veio proporcionar-me, através de conhecimentos vários, a oportunidade de experienciar com uma rapariga nascida no Irão, estudante no Deccan College. A minha joalheria foi compreendida no seu “arcaísmo” inspirador, e na interligação entre o passado e o presente, na divulgação da paz e da beleza através do ornamento. O contacto com esta rapariga do Irão retomou, para mim, o significado ancestral da unidade, da beleza e universalidade, imagética simbólica esquecida no uso da jóia.

> Visita a Kolhapur

A 60 km de Miraj situa-se Kolhapur – uma cidade imperial –, e, tal como em Miraj, a organização urbana segue os cânones da época medieval, tanto oriental como ocidental; geralmente, em torno do templo maior, encontra-se uma infinidade de ofícios, de porta aberta e dispostos por ruas. No caso de Kolhapur, o centro da vida social e religiosa, venerado por

every day, at sunrise and sunset and sometimes even at midday and at midnight. Someone in the workshop is responsible for looking after the statues. Lit sticks of incense are taken to every corner of the workshop and people pass their hands over the flames of small lamps to receive the *darshana* (blessing) of the deities.

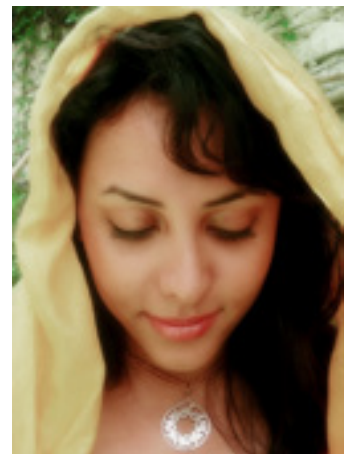
This ritual is the environment that enables devout artisans to transcend an earthly routine and come into contact with the *shakti*

Rapariga muçulmana com os brincos
Os seus brincos se agitam nas perfumadas mãos da brisa.
Muslim girl wearing earrings, which move with the wind.

Rapariga muçulmana com colar *Árvore da Vida* e brincos
Há um caminho entre o teu coração e o meu.
Muslim girl wearing a 'Tree of Life' necklace and earrings.

Senhora muçulmana com colar e brincos
Invisível a meus olhos trago-te sempre no meu coração.
Muslim lady wearing a necklace and earrings.

Rapariga do Irão com pendente Madinat al Zahra.
Iranian girl wearing the Madinat-al-Zahra pendant.



hindus, é regulado pelo grande templo de Mahalaxmi, dedicado à deusa Laxmi, a consorte de Lord Vishnu. Construído no século VII, a estrutura em pedra negra está lavrada com figuras femininas dançando e tocando; nos corpos voluptuosos é possível distinguir os magníficos ornamentos de pescoço, braço, pulso e tornozelos. Numa longa rua, muito próxima ao templo, concentra-se a maior parte das oficinas e lojas de joalheria.

Kolhapur é conhecida pela sua joalheria tradicional; um dos grandes atractivos desta cidade é o colar *Saaz*, também conhecido por *Kolhapuri saaz*.



Molde de um medalhão islâmico.
Mould for an Islamic medallion.



Vários moldes de Hemant Oswal.
Various moulds from Hemant Oswal's collection.

(power) of the gods. In the Hindu pantheon it is important to note Vishwakarma, the deity who is the patron of handicraft professions, especially that of jewellers, who is also the object of *pujas* (prayers). Some days of the year are dedicated to this deity, occasions for festivity and rest, where limited work is carried out and workshops are cleaned and organised.

Relating the symbolic and spiritual values of this cultural heritage with our own

Ornamental elements are also symbolic: in other words there are visual motifs that can be decoded or translated in mental or spiritual terms that are well-known in the society in which they are inserted. In India, jewellery continues to be based on the magic/religious meaning that age-old agrarian societies attributed to motifs derived from everyday life. The stylised or figurative designs, representing an animal, a flower or a star signify a sense of auspiciousness and good auguries. They are simultaneously signs of belonging to a culture, i.e. they provide unity to a society, conferring a singular identity, functioning as though part of an ordered *corpus* of rules for interaction.

In ancient societies, a sense of magic and a sense of religion have mingled together and it is possible to see a profusion of deities representing good harvests, good business deals, high mental ide-

Vista geral de uma oficina, Kolhapur.
General view of a workshop in Kolhapur.

A loja H.F. Jewellers fica situada no “Saraf Bazaar” de Kolhapur. Foi agendado um dia para conhecer Hemant Oswal, o dono da loja; tive de apresentar os documentos oficiais que lhe garantissem que a minha presença ali era exclusivamente para pesquisar e estudar joalheria; estes documentos foram determinantes para que Hemant Oswal, um devoto jainista, disponibilizasse algum do seu tempo para me mostrar uma enorme colecção de moldes, por si recolhida em toda a Índia. Retirou de uma caixa uma centena de moldes, todos eles com símbolos e significados diferentes. Estes moldes, matrizes ou cunhos são muito antigos e integram uma diversa e enorme colecção, que inclui muitas peças clássicas, figuras de divindades, símbolos de boa aventura, flores, animais, rosáceas, entre outras. Hemant Oswal explicou-me o sistema e o princípio básico de toda a produção em série da joalheria na Índia.

A loja H.F. Jewellers também vende peças de linha contemporânea; estas continuam a utilizar as técnicas e os elementos do trabalho clássico, mas são enriquecidas com outras estéticas, sem perderem a ligação com as suas antecessoras.

Moldes em ouro obtidos através de estampagem.
Moulds for gold castings made by a stamping process.

Peça contemporânea: colar em ouro.
Contemporary piece: gold necklace.

> O trabalho quotidiano e a prática religiosa

Na Índia, a religião não está desligada do quotidiano. Em todas as lojas e oficinas de joalheria que visitei em Miraj, Kolhapur e Pune, a linhagem familiar é quase sempre hindu; a sua religião está plasmada nas figuras dos deuses, expostas num canto da loja, recebendo *pujas* (orações onde são adoradas imagens) com incenso e rosários de flores. Este *puja* é habitualmente oferecido duas a três vezes ao dia, ao nascer e ao pôr-do-sol, e, por vezes, também ao meio-dia e à meia-noite. Alguém na oficina fica responsável pela boa apresentação dos ícones. Os paus de incenso a arder rodopiam e percorrem todos os cantos da oficina, e as mãos passam pelas chamas das velas acesas para receberem a *darshana* (bênção) das divindades.

Este ritual é o meio que permite ao artesão devoto transcender a rotina terrena e entrar em contacto com o *shakti* (poder) dos deuses. No panteão hindu há que referir Vishwakarma, a divindade que tutela os ofícios artesanais, em particular o do joalheiro, que recebe também *pujas*. Alguns dias do ano são-lhe dedicados,



sendo de festa e de descanso, com o trabalho muito reduzido, as oficinas limpas e arrumadas.

> **Relacionar os valores simbólicos e espirituais deste e do nosso património cultural**

O ornamental é também simbólico, isto é, existem motivos visuais que têm uma descodificação/tradução em termos mentais/espirituais conhecidos pela sociedade onde se inserem. A joalheria, na Índia, continua a depender do sentido mágico/religioso que as sociedades arcaicas de base agrícola deram a motivos retirados da vida quotidiana; os desenhos estilizados ou figurativos, representando um animal, uma flor ou um astro, têm um significado de bem-aventurança e bom augúrio; ao mesmo tempo, são marcas de pertença a uma cultura, isto é, dão unidade à sociedade, uma identidade própria, funcionando integrados como que num *corpus* de regras de funcionamento e de relação.

Nas sociedades arcaicas, o sentido mágico entranhou-se com o sentido religioso e vemos uma profusão de divindades representando as boas colheitas, os bons negócios, elevação da mente, a saúde, a felicidade ou a cultura. Acrescentem-se os milénios de contactos comerciais, de partilha artística, de mitos e

descobertas no continente indiano, e teremos uma rede complexa a entender, rede essa de que a joalheria faz parte.

Esta arte milenar conseguiu dar um novo fôlego à contemporaneidade que, ao manter formas antigas, não nega o tradicional. As peças mais contemporâneas respiram o mesmo sentimento de “indianidade”, ao contrário do Ocidente, em que as peças primam por uma descontinuidade com o passado. A joalheria na Índia insinua uma tradição marcadamente popular, que conserva e estimula o significado da acumulação da tradição e experiência recebidas de gerações anteriores.

A meu ver, no Ocidente, a joalheria clássica/tradicional estagnou e entrou em decadência, e a contemporânea pretende fazer uma ruptura com o passado. Na Índia, mantém-se um simbolismo enlaçado com a religião; mesmo que muitos elementos figurativos passem entre oficinas de diferentes estados – fruto de uma globalização dentro do próprio país – e se atenuem as diferenças étnicas ou de pertença a tal fé ou tal região, há um forte vínculo ao corpo ornamentado, marcante de uma posição social e crença no poder das figuras ou formas, quais amuletos de protecção e sorte. Seja antes, seja nos tempos actuais, a promoção do diá-



als, health, happiness or culture. When coupled with millennia of commercial contacts, shared art, myths and discoveries in the Indian subcontinent this results in a complex network that is hard to understand, a network that encompasses jewellery as well.

This age-old art has given a new lease of life to contemporary creations, which, by maintaining ancient forms do not deny their traditional heritage. The most contemporary pieces exude the same sense of “Indianness”, unlike in the West, where pieces strive to break with the past. Jewellery in India incorporates a visibly popular tradition, which preserves and stimulates the meaning of an accumulated tradition and experience handed down from previous generations.

In my view, in the West, classic/ traditional jewellery has stagnated and has entered a decline, while contemporary jewellery attempts to break with the past. In India, a symbolism intertwined with religion has been maintained. Even though many figurative elements pass between workshops in different states – the result of a globalisation within the country – and ethnic differences or belonging to a certain faith or region can be attenuated, there are strong ties with corporal ornamentation, reflecting a social position and a belief in the power of figures or forms, such as amulets for protection and good luck. Be it in the past or the present, promoting a dialogue between faiths and cultures – reflected in objects for corporal use, which includes modern jewellery – is a subject that I intend to develop and follow in my creations.

Islam became established in India from the twelfth century onwards and achieved its zenith under the Mughal dynasty (1526-

Artesão devoto.
Devout artisan.

Vishwarkarma,
deus protector
dos joalheiros.

Vishwakarma,
the patron deity
of jewellers.



logo entre fés e culturas – plasmadas em objectos de uso corporal, onde se inclui a joalharia actual – é um tema que pretendo desenvolver nas minhas criações.

Iluminura da época Mogol, século XVI. In Hendley, Thomas Holbein – “Indian Jewellery”. Low Price Publications, Delhi: 1909, p. 16, capítulo 1.

Sixteenth century Mughal miniature (Emperor Akbar). In Hendley, Thomas Holbein – “Indian Jewellery”. Low Price Publications, Delhi: 1909, p. 16, chapter 1.

-1707), giving rise to a Hindu-Muslim culture. This intermingling of cultures produced a splendid aesthetic current in the field of jewellery.

One of the mental bridges that I seek to create in my work spans the culture of Al-Andalus – where Christianity, Judaism and Islam co-existed side by side – and the culture of the Mughal period. Likewise in India, during the cultural zenith of this period, the government sought to promote ties between the diverse religions that co-existed in these lands. Even though he was Muslim, Emperor Akbar (5 October 1542 – 27 October 1605) did not insist on the implementation of a state religion and instead promoted a dialogue between the Buddhist, Hindu, Jain, Sikh and Christian hierarchies.

It is important to emphasise the modern relevance of this view by a Muslim emperor in India, so urgent and necessary nowadays when a series of cultural and religious conflicts can be seen around the globe.

In the vast Mughal empire, this progressive political and religious vision was also highlighted in the field of the arts: jewellery, architecture, literature, poetry and music were given a strong impetus by the authorities and hence these decades are viewed as a golden age in India.

O Islão estabeleceu-se na Índia a partir do século XII e atingiu o seu expoente máximo sob a Dinastia Mogol (1526-1707), dando origem à cultura hindu-muçulmana; este cruzamento de culturas produziu na joalharia uma corrente estética esplendorosa.

Uma das pontes mentais que pretendo fazer no meu trabalho é entre a cultura do al-Andalus – onde coexistiam o cristianismo, o judaísmo e o islão –, e a cultura da época Mogol. Também na Índia, no auge cultural desta época, procurava-se, por iniciativa do governo, um encontro entre diversas religiões que partilhavam estas terras. Apesar de ser muçulmano, o imperador Akbar (século XVI-XVII) não obrigava à existência de uma religião de Estado, antes promovia o diálogo entre a hierarquia budista, hindu, jaina, sikh e cristã.

Não posso deixar de enfatizar a actualidade desta postura de um imperador muçulmano na Índia, tão necessária e urgente, face à série de conflitos culturais e religiosos que abalam grande parte do planeta.

No extenso império Mogol, esta visão político-religiosa progressista era realçada também nas artes: joalharia, arquitectura, literatura, poesia e música receberam um forte impulso do governo, e daí que estes largos decénios sejam vistos como uma época de ouro da Índia.



É de salientar a iluminura, em particular a da época Mogol, em que encontramos as figuras humanas, sejam mulheres ou homens, sempre esplendorosamente ornamentadas.

Mais próxima dos meus interesses, a própria arquitectura religiosa proporciona uma vasta plêiade de representações escultóricas de bailarinas, santos e divindades, todas elas com um leque de ornamentos florais e geométricos criativos; diversas formas e elementos estéticos permanecem em uso na joalheria actual, recriados e transformados pela vitalidade de *designers* e artífices anónimos.

Para este entendimento alargado, foi-me útil pesquisar nas bibliotecas da Universidade de Pune e do Deccan College, da mesma cidade; ambas têm à disposição muitos estudos publicados na Índia, assim como outros, de produção inglesa. A nível da História de Arte, encontrei outras fontes visuais e escritas, revelando tradições e aplicações ornamentais em muitos artefactos e arquitectura.

O que mais me fascina na Índia é a ideia de que o hinduísmo assimilou outras culturas, misturou-se com elas e criou novas formas de expressão nas mais variadas artes, sendo a diversidade cultural um factor de enriquecimento e reconhecimento mútuo.

It is important to note illustrations – especially during the Mughal age – in which it is possible to discern human figures (both men and women) always wearing splendid adornments.

Closer to my interests, religious architecture provides a vast array of sculptures depicting dancers, saints and deities, all of them embellished with a range of very creative floral and geometric ornaments. Diverse aesthetic forms and elements continue to be used in jewellery even today, recreated and transformed by the vitality of designers and anonymous artisans.

The research carried out in the libraries of the University of Pune and the Deccan College, located in the same city, was extremely useful for a broader understanding of this universe. Both these institutions have numerous studies published in India as well as other publications in English. At the level of Art History, I found other visual and written sources, revealing ornamental traditions and applications in many artefacts and architecture.

What fascinates me the most about India is the idea that Hinduism has assimilated other cultures, has mingled with them and created new forms of expression in the most varied arts, while this cultural diversity is an enriching factor reflecting mutual recognition.

In my series entitled *Manufactures of Al-Andalus* – which, above all, attempts to epitomise love, beauty and peace – I have tried to

No meu trabalho *Manufacturas do al-Andalus* – que apela sobretudo ao amor, à beleza e à paz –, tento compreender e reflectir sobre a actual situação no mundo, procurando, no meio desta encruzilhada de memórias e convicções, um complemento na busca de uma nova identidade cultural.

O que representou o al-Andalus nos séculos X-XI – Idade Média – poderia servir de modelo de convivência nas sociedades contemporâneas; o domínio muçulmano em Portugal fez-se durante mais de cinco séculos, o trânsito de culturas foi enorme, e a tradição do Egipto, da Pérsia e de Bizâncio fez ligar o Ocidente ao Oriente.

Ao recriar elementos inspirados na iconografia ibero-muçulmana, com todas as confluências artísticas e culturais da época, o meu trabalho apoia-se na regeneração de motivos arcaicos passados entre civilizações e culturas, tentando compreender os elos de ligação entre Ocidente e Oriente, entre passado e presente, deixando em cada peça mensagens de universalidade.

* Ana Caldas nasceu em África, Luanda, em 1965. Estudou joalheria no AR.CO, Centro de Arte e Comunicação Visual em Lisboa. Em 2004 iniciou o projecto *Manufacturas do al-Andalus* e desde 2006 divulga o seu trabalho em exposições individuais e colectivas em espaços culturais. Em 2008 foi Bolseira da Fundação Oriente.

understand and reflect upon the current situation in the world, seeking a means of complementing the quest for a new cultural identity amidst this crossroads of memories and convictions.

What Al-Andalus represented during the tenth and eleventh centuries – the Middle Ages – could serve as a model for coexistence in contemporary societies. Portugal was under Muslim rule for over five centuries and an enormous cultural exchange took place at the time, in which traditions from Egypt, Persia and Byzantium linked the East and West.

By recreating elements inspired by Iberian Muslim iconography, with all the artistic and cultural confluences of the age, my work is based on regenerating age-old motifs transmitted between civilisations and cultures, in an attempt to understand the ties that link the East and West and the past and the present, wherein each piece exudes a peerless message of universality.

* Ana Caldas was born in Luanda, Angola, in 1965. She studied jewellery design at AR.CO, Centre for Art and Visual Communications in Lisbon. In 2004 she commenced her project entitled *Manufacturas do al-Andalus* and has been disseminating its results since 2006 in individual and group exhibitions in cultural spaces. She was awarded a scholarship by the Fundação Oriente in 2008.

Translated by Roopanjali Roy